

As vozes das margens na literatura de recepção infantil e juvenil: reflexões sobre a produção de Georgina Martins

Eliane Debus*

Resumo

A literatura de recepção infantil e juvenil não tem por tradição levantar em sua construção temas polêmicos como desigualdade social, homossexualidade e preconceito racial. Problematizar esses temas, por certo, exige um “lidar” com uma linguagem que leve em conta esses interlocutores. Este artigo apresenta a leitura de três livros de Georgina Martins: *O menino que não se chamava João e a menina que não se chamava Maria* (1999), *No olho da rua: historinhas quase tristes* (2004) e *Uma maré de desejos* (2005), trazendo à tona reflexões sobre um fazer literário que apresenta, de forma sensível, ao leitor as “vozes das margens” (HALL, 2006), sem maquiar as agruras e mazelas das desigualdades sociais em que vivem as personagens crianças dessas narrativas. A aproximação com narrativas que fujam do repertório cristalizado para o público infantil contribuem para a formação de leitores mais comprometidos e sensíveis com o Outro.

Palavras-chave: Literatura infanto-juvenil. Desigualdades sociais. Leitor.

* Doutora em Letras – Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Professora do departamento de Metodologia de Ensino do Centro de Educação na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

A literatura infantil é diferente, mas não menor que as outras. Suas características singulares exigem uma poética singular. (HUNT, 2010, p. 37).

As palavras de Peter Hunt (2010), acolhidas para iniciar este diálogo, buscam demarcar a compreensão que tenho como pesquisadora na área da literatura e infância há vinte anos, sobre o estatuto da produção literária de recepção infantil, compreendida no seu aspecto estético como arte. Por outro lado, os aspectos singulares e a exigência de uma “poética singular” podem reforçar ou não a qualificação dessa produção. Talvez um dos pontos de relevância para refletir sobre essa confluência seja recorrer às temáticas que são anunciadas nessa produção.

Desse modo, este texto busca apresentar a discussão sobre a inserção de temas polêmicos na literatura de recepção infantil, particularmente o das desigualdades sociais, a partir da contextualização dessa produção no mercado editorial brasileiro, recaindo o foco de análise na produção de Georgina Martins, em particular nos títulos *O menino que não se chamava João e a menina que não se chamava Maria* (1999), *No olho da rua: historinhas quase tristes* (2004) e *Uma maré de desejos* (2005).

A escolha por esse recorte se deve a minha proximidade com a produção da autora, em especial aos títulos que tematizam a cultura afro-brasileira e, por outro lado, a intenção de me deter naqueles pouco estudados, os que têm como tema as desigualdades sociais. Embora esses dois temas em determinados momentos se entrelacem e façam parte do mesmo contexto – o de silenciamento de algumas temáticas na literatura de recepção infantil e juvenil – a opção pelo recorte se justifica pelo espaço da escrita.

A literatura e a sua recepção: adultos e crianças na mesma ciranda

A literatura de recepção infantil como produto cultural para crianças tem sua gênese vinculada à invenção da infância, gradativamente construída entre os séculos XVII e XVIII, e, sua promoção estabelecida no espaço escolar como ambiente propício para auxiliar as exigências advindas do caudal das transformações sociais daquele período. Efetiva-se, assim, “um vínculo estreito entre seu nascimento e um processo social que marca indelevelmente a civilização europeia moderna e, por extensão, ocidental” (ZILBERMAN, 2003, p. 34).

O produto cultural, na grande maioria das vezes, gerado pelo adulto, tem como público alvo a criança. Desse contraponto entre produtor e receptor se destaca uma relação dupla: a primeira refere-se à leitura do texto, que embora tenha como alvo a criança é lido em primeira mão pelo adulto (responsável parentalmente e/ou responsável educativamente); e a segunda se refere ao conteúdo da escrita, pois o adulto julga conhecer as necessidades da criança e essas, por certo, estão vinculadas à concepção que se tem de infância. Desse modo, muitas vezes as narrativas acabam por ter um compromisso mais educativo do que estético.

A literatura de recepção infantil e juvenil não tem, por tradição, levantar em sua construção temas polêmicos, como a desigualdade social, a homossexualidade e o preconceito racial. Problematizar esses temas, por certo, exige um “lidar” com a linguagem que leve em conta esses interlocutores. Em sua grande maioria, as narrativas para a pequena infância são tecidas no plano do maravilhoso, com reinos encantatórios e seres imaginários. Talvez, por uma tendência imbricada na origem do gênero, a qual, ao vincular o seu receptor a uma infância que deve ser resguardada, caracterizam também suas personagens e a ambientação de suas ações.

Aparecida Paiva (2008), em artigo que discute a onipresença e ausência de determinadas temáticas na literatura para crianças, destaca três grandes grupos: 1) A fantasia como tradição; 2) o conteúdo como opção; e 3) a realidade como aposta. O corpus de análise recaiu sobre a produção editorial de 2008, em particular os 1735 títulos inscritos no Programa Nacional de Bibliotecas Escolares (PNBE).

As narrativas do primeiro grupo (1500 títulos), elencadas por Paiva (2008), consolidam a hipótese levantada em parágrafo anterior, considerando que fazem parte desse acervo aqueles títulos tradicionalmente conhecidos por seu viés encantatório, tais como, contos de fadas, fábulas (versões, traduções, adaptações, atualizações), bem como narrativas com animais (em particular os de estimação) e/ou “aqueles que abordam os espaços ‘preferidos’ pelas crianças: a fazenda, o parque, o jardim, o zoológico e o circo” (PAIVA, 2008, p. 40). A estudiosa encontrou, no corpus analisado, a onipresença das narrativas feéricas tratadas quase à exaustão pelo mercado editorial, provocando um esvaziamento do potencial artístico dessa produção, pois “o que parece prioritário é a sua apresentação em livros com capas coloridas e elegantes e escritos dentro do parâmetro discursivos ditados pela educação” (PAIVA, 2008, p. 50).

No segundo grupo estão 180 títulos que levam em conta “o conteúdo como opção”, prevalecendo os conteúdos escolares subdivididos em temas transversais (saúde, meio ambiente, pluralidade cultural etc.), a apropriação da literatura se dá “como mais um dos recursos de aprendizagem de conteúdos e valores, em vez de utilizá-los como possibilidade de ampliação do universo cultural da criança” (PAIVA, 2008, p. 43).

No último e terceiro grupo, 55 títulos compõem “a realidade como aposta”; abordam temas como morte, medo, abandono separação e sentimento, tendo como ponto comum situações vividas pelas crianças, “ancoram-se na realidade vivida por meio de cenários comuns ao cotidiano infantil, permitindo que a criança se reconheça na história e faça associações, ampliando significados e representações sobre os temas narrados” (PAIVA, 2008, p. 46). A autora reivindica a possibilidade de a criança fruir das narrativas que lidam com temas polêmicos, pois estas “pode possibilitar a ampliação das referências estéticas, culturais e éticas da criança” (PAIVA, 2008, p. 49).

Amparada na análise recente de Paiva (2008), contextualizo, mesmo que brevemente, a inserção da temática das desigualdades sociais na literatura de recepção infantil, tomando como ponto inicial a década de 1970, pois foi a partir dessa data que um conjunto de narrativas que retratam realidades múltiplas surgiu, em especial através da “Coleção do Pinto”, da editora Comunicação, como destacam Lajolo e Zilberman (1987, p. 126) “parece ter cabido a ela a consolidação (mesmo que ao preço de um certo escândalo) de uma literatura infantil comprometida com a representação realista e às vezes violenta da vida social brasileira”. Alguns títulos desse período, que focalizam a representação realista da infância que vive nas ruas, são: *Pivete* (1977), de Henry Correia de Araújo; *Lando das Ruas* (1975), de Carlos Marigny e *Meninos da rua da Praia* (1979), de Sérgio Caparelli, títulos que marcam a “linha social da narrativa infantil brasileira contemporânea” (LAJOLO; ZILBERMAN, 1987, p. 127).

Embora três décadas tenham passado, poucos ainda são os títulos que ficcionalizam as desigualdades sociais, apresentando a criança em situação de risco ou vivenciando problemas sociais relacionados ao abandono ou ao trabalho infantil. É necessário lembrar que aspectos mercadológicos também estão envolvidos para essa quase ausência. Como observa Peter Hunt (2010, p. 51), aqueles que estão voltados para o comércio dos livros, editores e livreiros, têm dificuldade em aceitar o experimentalismo nos textos para a infância, receosos

da opinião dos mediadores dos espaços escolares: bibliotecários e professores e, poder-se-ia dizer, de uma possível não aceitação, o que levaria a uma venda reduzida de determinado título.

Pode-se destacar o trabalho de Cristina Porto, Jô Azevedo e Iolanda Huzak no livro *Serafina e a criança que trabalha* (1996). No entanto, deve-se lembrar de que o livro, construído a seis mãos, por meio da voz da personagem Serafina, apresenta, valendo-se de imagens fotográficas, crianças de carne e osso de diferentes países realizando trabalho infantil. Além de apresentar as fotografias, o livro possui três paratextos de caráter informativo.

Dentre o conjunto de títulos contemporâneos que trazem essa temática encontram-se os da escritora brasileira Georgina Martins, dos quais, para o presente texto escolhi três: *O menino que não se chamava João e a menina que não se chamava Maria* (1999), *No olho da rua: historinhas quase tristes* (2004) e *Uma maré de desejos* (2005), por trazerem à tona reflexões sobre um fazer literário que apresenta, de forma sensível, ao leitor as “vozes das margens” (HALL, 2006), sem maquiagem as agruras e mazelas, pelas quais passam as personagens crianças dessas narrativas.

Georgina Martins e suas narrativas quase tristes

Georgina Martins é doutora em Letras e pesquisadora na área da literatura para a infância, atuando, profissionalmente, como servidora técnico-administrativa da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e como professora no Curso de Especialização em Literatura Infantil daquela Universidade. Estreou no mercado editorial para o público infantil em 1999 e de lá para cá já tem na bagagem mais de 18 livros publicados, os quais, em sua maioria, desenvolvem enredos com temáticas complexas e polêmicas, como a homossexualidade, o racismo e as desigualdades sociais.

A temática do homossexualismo masculino está presente em *O menino que brincava de ser* (DCL, 2000), *Tal Pai, Tal Filho?* (Scipione, 2010), em *Com quem será que eu me pareço* (Planeta Jovem, 2007), a temática étnico-racial aparece implícita na representação de animais como o mico-leão-dourado, na sua proximidade/identificação como um menino loirinho, ou em *Fica Comigo* (DCL, 2001), quando o menino, um dos personagens principais, é representado como negro somente pela ilustração (sem qualquer referência no texto) ou, ainda, explicitamente, nos títulos *Uma Maré de desejos* (Ática, 2005), *Minha*

família é colorida (SM, 2005), e *Meu tataravô era africano* (DCL, 2008), livro construído em parceria com Teresa Silva Telles.

O tema das desigualdades sociais, apresentando personagens crianças que vivem à margem da sociedade, é uma das características mais marcantes da produção literária de Georgina Martins. A autora descreve uma infância que, estando à margem é marginalizada: entram em cena, no enredo de suas narrativas, o trabalho infantil, a ausência e abandono dos familiares, a crueza da vida nas ruas, como nos livros *No Olho da Rua: historinhas quase tristes* (Ática, 2002) e *O menino que não se chamava João e a menina que não se chamava Maria*, um conto de fadas brasileiro (DCL, 1999) e, de certo modo também em *Uma maré de desejos* (Ática, 2005). Nessas narrativas, a autora ficcionaliza uma realidade muito próxima de uma grande parcela da população, uma realidade crua e desigual, porém, de forma sensível, possibilita ao leitor refletir sobre as infâncias que perambulam nas ruas das grandes e nem tão grande cidades brasileiras.

Seriam as narrativas escolhidas para essa leitura fundadas no plano da realidade? Talvez para provocar a discussão sempre presente sobre os fios que tecem a ficcionalidade e o seu compromisso com a verdade, que a escritora, no paratexto de um de seus livros, responde: “posso jurar que todas elas aconteceram mesmo, não inventei nenhuma! Posso, em algumas, ter aumentado um pouquinho, trocado os nomes das pessoas... agora, inventar, eu não inventei nada... bem... quase nada...” (MARTINS, 2005, p. 9).

Em *O menino que não se chamava João e a menina que não se chamava Maria* (MARTINS, 1999), a narradora dialoga, como o próprio título anuncia, com a história clássica de João e Maria, conto extraído, na sua origem, da tradição oral e recontado por Charles Perrault, na França do século XVII, e pelos irmãos Jacob e William Grimm, na Alemanha do século XIX.

O historiador Robert Darnton (1986), estudioso da França dos séculos XVII e XVIII, argumenta que essas narrativas populares, como a das duas crianças que são abandonados na floresta, eram o retrato da infância no período: crianças morriam como moscas, abandoná-las na floresta não seria nada absurdo. Não existia o sentimento de infância, o abandono de um infante em detrimento da vida de um adulto era algo possível.

Inventada a infância, ou melhor, inventado o sentimento de infância, inventa-se o cuidado, a proteção, o zelo.

E a infância contemporânea?

Conhecida a narrativa tradicional de *João e Maria*, que por certo faz parte do repertório dos leitores, é possível rapidamente entender a mudança de foco e construir uma expectativa para o título. Georgina Martins ficcionaliza uma realidade cruel: as crianças contemporâneas que redesenha são/estão abandonadas em florestas, não mais as florestas escuras e úmidas de uma Europa medieval, como aquela cruzada por João e Maria, mas não menos assustadoras florestas de cimento das cidades, nesse caso as brasileiras.

A narrativa, que tem como subtítulo “um conto de fadas brasileiro” (MARTINS, 1999), apresenta três crianças em fuga: o menino – que não se chama João, a menina – que não se chama Maria e a bebê Nininha, as quais, pela ausência de afeto e de qualquer gesto de proteção, saem em busca de um lugar feérico em que os sonhos possam ser realizados: procuram a casa de doces, como a da história dos livros. Esse conto de fada brasileiro tem monstros: o atual padrasto e os namorados anteriores da mãe que maltratam as crianças, levando-as à fuga.

As três crianças perambulam pelas ruas a esmo, fogem em busca da possibilidade do encontro: um lugar onde possam ser felizes, metaforizado na casa de doces. Nininha está com fome e as crianças lhe dão o resto de leite que sobrou no fundo de uma caixa jogada no lixo. A bebê toma o líquido e logo começa a passar mal: vomita, fica febril e é levado para um posto de saúde; os remédios indicados pela médica não existem no almoxarifado do posto, e as crianças saem na esperança de encontrar a casa encantada e lá encontrar a cura.

No entanto, os (des)caminhos são muitos e a menina e o menino veem fenecer lentamente entre seus braços a vida da Nininha. A morte e seus aspectos fúnebres e de ausência são substituídos pela possibilidade de uma sobrevivida:

– Eu sonhei que a fada aparecia aqui e pegava a Nininha no colo e ela ficava viva outra vez. Aí a fada falava que a gente tinha que deixar ela na beira do riacho em cima da pedra mais bonita que a gente encontrasse e que depois ela iria virar uma estrela. (MARTINS, 1999).

Por fim, as crianças, João e Maria, acham a casa de doces... Seria um sonho...? Lá dentro eles fecham os olhos e desejam muito; desejam tanto que desaparecem “Dizem por aí que eles foram morar no livro e viveram felizes para

sempre” (MARTINS, 1999). O término em aberto da narrativa deixa pistas para que o leitor preencha os vazios do texto.

Embora a autora se utilize de um recurso corriqueiro nas narrativas infantis, quando, porventura, tematizam a morte, como a metamorfose em outro objeto, particularmente em estrela, foge do lugar comum ao trazer para o percurso da morte uma vida ainda embrionária, não tratando a morte como uma tendência natural – a velhice, por exemplo. Curioso é que Paiva (2008), em suas análises, destaca esses dois pontos: a transformação da vida em outro objeto e o seu esgotamento por causa natural. No entanto, nesse caso específico, encontra-se uma ruptura, até certo ponto, com o lugar comum.

O livro *No olho da rua: historinhas quase tristes* (MARTINS, 2004) recebeu 1º Lugar no Prêmio Carioquinha de Literatura Infantil, da Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro, em setembro de 2000 e Menção Honrosa no Prêmio Adolfo Aizen de Literatura Infantil da União Brasileira de Escritores. A obra é composta de cinco contos que têm como ambiente a cidade do Rio de Janeiro e como personagem principal meninos e meninas que fazem da rua a sua casa, “meninos de rua”.

No conto “Os meninos e a pizza” (MARTINS, 2004), a narradora relata o fato acontecido com sua amiga Ana, assaltada recentemente por um grupo de três meninos. Exausta de um dia atarefado no exercício da enfermagem, Ana, no momento de apreensão e medo diante dos assaltantes mirins, toma uma atitude inesperada: convida os pequenos assaltantes para comerem uma pizza no Petisco.

Os meninos, propensos a aceitarem o convite, argumentam:

- No Petisco? Mas o garçom não vai deixar a gente entrar, tia.
- Se a gente entrar com a tia, ele vai ter que deixar, oral /.../
- Quero só ver a cara daquele mané que nunca deixa a gente ficar lá. Noutro dia, a gente bem viu o Martinho da Vila! O Andrey queria entrar pra pedir um autógrafa, mas o garçom não deixou. (MARTINS, 2004, p. 14).

O que é permitido, o que é possível para essa infância desalojada passa nesse momento pelas mãos da personagem adulta, que estabelece uma relação

de proximidade com os meninos. Ao final da refeição acabam por pagar a conta, pois estavam com a sua carteira, que é devolvida.

“O menino e o livro” (MARTINS, 2004) tem como espaço narrativo uma livraria e um leitor: um menino de rua. Conduzidos pela escrita leve e sutil, o leitor adentra o espaço da livraria, entrecruza as estantes, passa os olhos pelos títulos e se aproxima de um leitor incomum que, debruçado sobre os livros, descobre os prazeres da leitura: um menino de rua.

O possível viés romantizado é fraturado quando a personagem adulta compra o livro e oferta ao menino que o nega. Ele não quer ser proprietário do livro, pois mora na rua e prefere deixá-lo na estante da livraria, onde pode ler quando quiser, deixando a narradora perplexa:

– Moça eu não tenho casa, moro na rua. Durmo ali na Candelária, e lá a gente não tem onde guardar as coisas. Se eu levar esses livros, os outros vão roubar. Por isso é que eu venho ler aqui. Todo mundo aqui já me conhece. Depois que eu lavo as mãos, eles deixam eu mexer em todos os livros que eu quiser. Nunca estraguei nenhum! Amanhã, quando eu voltar, vou ler esses que a senhora me mostrou, são muito bonitos. (MARTINS, 2004, p. 28).

A ideia preconcebida de que o menino, pela sua (não) roupa, seria expulso pelo vendedor da livraria – fato que não ocorre, pois ele é um velho conhecido por suas aventuras leitoras naquele espaço – e de que como leitor ele, fatalmente, deveria possuir o livro, se desfaz.

Em “O menino e o sinal” (MARTINS, 2004), o cenário é o semáforo (sinal, sinaleira), onde uma criança de cinco anos, com um caco de vidro na mão, aborda a narradora no semáforo “– Moça, passa o dinheiro e o relógio, senão eu vou te cortar!” (MARTINS, 2004, p. 33). O desenrolar dessa cena trágica passa pela reflexão da narradora, diante da resposta do menino, depois de receber o dinheiro e o relógio, falando que não iria cortá-la:

– Então não vou te cortar mais não, tá?!
Pareciam os pequenininhos lá de casa quando tentam me fazer desistir de puni-los por causa de suas travessuras: ‘Então não faço mais isso não, tá? Não vou chorar mais não, tá?! Não vou mais bater no maninho não, tá?!’ (MARTINS, 2004, p. 34).

Neste conto, por sua vez, há explicitamente uma tentativa de amenizar o delito, aproximando a fala do menino assaltante da fala de uma criança próxima das relações da narradora, possivelmente seus filhos.

Em “A menina e as balas” (MARTINS, 2004), uma menina de, provavelmente, oito anos de idade, vende doces na porta de uma lanchonete, próxima de uma praça. A narradora, ao sair do cinema, onde assistira ao filme *Filhos do paraíso*, resolve comprar as balas da menina, mas não levá-las para que ela pudesse lucrar em dobro. No entanto, a menina não aceita a proposta, pois ela tem que voltar com o dinheiro, mas sem as balas.

– Tia, você não entende mesmo, hein? Minha mãe vai brigar comigo, ela fica muito braba quando eu faço alguma besteira. Já falei que ela disse que eu não posso voltar com nada pra casa. O meu padrasto, quando eu chego em casa, faz as contas e quando sobra doce ele me bate. Ele sempre conta quanto dinheiro tem e tem que ter tudo certinho. (MARTINS, 2004, p. 42).

Desse modo, a narradora compra os doces e é obrigada a levá-los. A exploração do trabalho infantil é o foco central desse conto que apresenta a personagem exercitando as relações de poder, estabelecidas entre ela e os adultos que a cercam – e exploram.

O último conto, “O menino e o fim” (MARTINS, 2004, p. 45), descreve um menino que assalta um ônibus, é detido e se vê cercado por olhares censuradores – a multidão que cerca o ônibus e insulta o menino. A proteção vem de dois personagens: a narradora que é professora de um abrigo da prefeitura, e o policial que aguarda a resolução do caso.

Ao ser conduzido para uma instituição de menores, a viatura é atacada, os policiais baleados e o menino, que tem a possibilidade de fugir, socorre o policial que até então o havia socorrido. A cena, com forte carga dramática, introduz o leitor numa perspectiva humanizada das relações, mesmo em momentos de embate.

No seu conjunto as cinco narrativas, do livro *No olho da rua: historinhas quase tristes* (MARTINS, 2004), explicitam o abandono da infância nas grandes cidades; o descompromisso da sociedade para com essa infância que vagueia pelos semáforos, marquises, ruelas e ruas de nossas cidades.

A narrativa de *Uma maré de desejos* (MARTINS, 2005), que recebeu o Prêmio Adolfo Aizen da União Brasileira de Escritores de Melhor Livro Infantil de 2006, é ambientada geograficamente na Favela da Maré, na cidade do Rio de Janeiro, local em que a escritora coordenou a “Oficina da Palavra”, um projeto do Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM). Segundo depoimento de Georgina:

[...] Acho que escrevi esse livro para não enlouquecer, porque vivenciei lá, na Maré, situações que mais pareciam ficção, então tentei colocá-las no papel, numa tentativa de compreender o que acontecia [...] uma tentativa de recriar um cotidiano mais ameno, mais feliz para aquelas pessoas. Coisas que só posso fazer no plano da literatura. (O BALAINHO, 2007).

O mote para a narrativa é o tema da redação escolar “qual o seu maior desejo”, que faz emergir em Sergiana, menina de 12 anos, seus muitos desejos: ver o mar, molhar o cabelo na água do mar, vê-los soltos ao vento, comer goiabada e a volta da mãe. Paralelamente, em outra classe, Luciano também tem que construir uma redação que descreva a sua casa, ou como gostaria que ela fosse. O menino, lembrando os desejos de Sergiana, pensa que seria bom ter uma casa com uma mesa, refeição com bife, arroz, suco (de laranja).

As famílias de ambos não são unicelulares, do pai de Sergiana nada sabemos, sua mãe saiu e nunca mais voltou: teria morrido como muitas outras mães? Aos cuidados de uma tia, a menina cumpre a tarefa de recolher balas, balas de revólver para vender. Luciano vive com a mãe e mais três irmãos, dois mais novos – os gêmeos vivem com uma comadre –, sua mãe está doente, na cama. A narrativa revela uma adultização precoce: o menino faz a comida, lava a roupa dos irmãos (mesmo sem sabão) etc.

Desejos que para muitos dos leitores poderão ser tão simples, para os dois protagonistas têm uma força exemplar e podem colaborar para sua autoestima, para as formas de se relacionar com o mundo, com os outros e consigo mesmo. Parece-me que esse tipo de narrativa, na qual as questões existenciais, entrelaçadas com as dificuldades sociais das personagens, marcando as desigualdades entre poucos e muitos na sociedade, contribui para o crescimento pessoal do leitor como cidadão, principalmente, junto àquela parcela para quem essa realidade é ficcional.

Em tempos de conclusão: reflexões para um repertório plural

É de significativa importância a ampliação do repertório do leitor em formação, possibilitar-lhe o acesso a textos mais diversos com temáticas diversas, contribuindo para encontro com a leitura literária em sua pluralidade e, se possível, criando vínculos além do espaço escolar.

Vale lembrar que se pode dimensionar o valor estético da obra literária pelo seu poder de decepcionar ou contrariar as expectativas leitoras no momento de sua aparição, contribuindo, assim, para uma mudança de horizonte:

O horizonte de expectativa da literatura distingue-se daquele da *práxis* histórica pelo fato de não apenas conservar as experiências vividas, mas também antecipar possibilidades não concretizadas, expandir o espaço limitado do comportamento social, rumo a novos desejos, pretensões e objetivos, abrindo, assim, novos caminhos para a experiência futura. (JAUSS, 1994, p. 52).

Os livros de Georgina Martins (1999, 2004, 2005), aqui analisados, descrevem a dureza do dia a dia vivido por muitas crianças que vivem nas ruas do Brasil, mas que são invisíveis para outras crianças, que vivem enclausuradas em seus ambientes confortáveis, distantes daquela realidade.

A escritora produz narrativas que inquietam o leitor... desalojam-no do lugar confortável e o colocam na berlinda, fazendo com que situações impactantes e conflituosas sejam (re)organizadas pelo pacto ficcional. Tal observação pode ser constatada em cena vivida recentemente, quando uma leitora, lá pelos seus 9 anos, após a leitura de *Maré de desejos* (MARTINS, 2005):

– E Sergiana não viu o mar?
Não foi à praia?
Seus cabelos não ficaram sobre a água?

O espanto da leitora, provocado por um final inusitado, demonstra que a quebra de expectativas era visível, comprovada, além das palavras que proferia, pela sua expressão facial. Acostumada com narrativas com finais fechados e previsíveis, a pequena leitora encontrava-se diante de um texto que lhe provocava, insinuava outro caminho diverso daquele já trilhado.

A escritora, ao escovar as palavras (como os arqueólogos do poema de Manoel de Barros), desarranja-as, tirando-as do lugar comum, e as reveste de outras poeiras: onde está a realidade? Onde está a ficção?

O exercício com os textos literários analisados, quer pela análise teórica, quer pela leitura compartilhada com crianças, leva-me a acreditar que a aproximação com narrativas que fujam do repertório cristalizado para o público infantil, possam contribuir para a formação de leitores mais comprometidos e sensíveis com o Outro, dado já anunciado no trabalho de Alessandro Garrido Sotero da Silva (2008), quando destaca, ao analisar a produção de Georgina Martins, que

[...] educam sem dizer que estão educando, tornam o jovem ou a criança um ser mais sensível e mais receptivo ao bem sem se rotular religioso. Proporcionam a quem lê a fruição estética através da simplicidade e da sensibilidade com que desenvolvem suas causas, expõem a defesa do oprimido sem se tornarem panfletários. São obras capazes de suscitar no jovem mais alienado e indiferente a causa do outro, desmistificando a imagem de medo e terror institucionalizada pela mídia, quando se trata de menores abandonados e moradores de favelas (SILVA, 2008, p. 22).

Para que as narrativas que apresentam temas polêmicos ganhem sua real dimensão, faz-se necessário que os adultos que medeiam a leitura literária reconheçam a importância de valorizar a pluralidade de temáticas e também levem em conta que a linguagem literária, pelo seu pacto de ficcionalidade, pode levar o leitor a construir horizontes mais amplos.

Notas

- 1 Alguns estudiosos, de diferentes países, refletem sobre a natureza dupla e ou a ambivalência da literatura infantil, como Regina Zilberman (2003), Gemma Lluch (2006) e Shavit (2003).

REFERÊNCIAS

- DARNTON, Robert. Histórias que os camponeses contam: o significado de mamãe ganso. In: DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos*. Tradução de Sonia Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- HALL, Stuart. Que “negro” é esse na cultura negra? In: HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidade e mediações culturais*. Tradução Adelaine la Guardiã Resende et al. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- HUNT, Peter. *Crítica, teoria e literatura infantil*. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: histórias e histórias*. São Paulo: Ática, 1987.
- LLUCH, Gemma. Para uma seleção adequada do livro: das capas ao estilo da literatura comercial. In: AZEVEDO, Fernando. *Língua materna e Literatura Infantil: elementos nucleares para professores do Ensino Básico*. Lisboa: Lidel, 2006.
- MARTINS, Georgina. *O menino que não se chamava João e a menina que não se chamava Maria: um conto de fadas brasileiro*. Ilustrações de Victor Tavares. São Paulo: DCL, 1999. Não paginado.
- MARTINS, Georgina. *No olho da rua: historinhas quase tristes*. São Paulo: Ática, 2004.
- MARTINS, Georgina. *Uma maré de desejos*. São Paulo: Ática, 2005.
- O BAILINHO: Boletim de literatura Infantil e juvenil. São José, SC, ano 8, n. 30, mar. 2007.
- PAIVA, Aparecida. A produção literária para crianças: onipresença e ausência das temáticas. In: PAIVA, Aparecida; SOARES, Magda. *Literatura infantil: políticas e concepções*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- SHAVIT, Zohar. *Poética da literatura para crianças*. Lisboa: Caminho, 2003.
- SILVA, Alessandra Garrido Sotero. *A Literatura infanto-juvenil engajada de Georgina Martins: a busca de novos valores diante da indiferença pós-moderna à exclusão social brasileira*. 2008. 196 f. Tese (Doutorado em Ciência da Literatura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 2003.

Marginal Voices in the Literature of Children's and Youth Reception: reflections on the work of Georgina Martins'

Abstract

The literature concerning reception by children and youth has traditionally not considered polemical issues such as social inequality, homosexuality and racial prejudice. To analyze these issues would certainly require "dealing" with a language that considers these interlocutors. This article presents the reading of three books by Georgina Martins: *O menino que não se chamava João e a menina que não se chamava Maria* (1999) [The Boy not named João and girl not named Maria], *No olho da rua: historinhas quase tristes* [From the perspective of the street: nearly sad stories] (2004) and *Uma maré de desejos* [A Tide of Desires] (2005), which bring to light reflections on literary production that in a sensitive manner presents the reader the "voices of the margins" (HALL, 2006), without hiding the sorrows and blemishes caused by the social inequalities faced by the child characters of these narratives. The approximation with narratives that escape the repertoire that has been crystalized for the child public contributes to the formation of readers who are more committed and sensitive to the Other.

Keywords: Literature for Children and Youth. Social Inequalities. Reader.

Les voix des marges dans la littérature d'enfance et de jeunesse: reflexions sur la production de georgina martins

Résumé

La littérature d'enfance et de jeunesse n'a pas pour tradition de soulever, dans sa construction, des questions controversées comme l'inégalité sociale, l'homosexualité et le préjugé racial. Problématiser ces questions exige, certainement, qu'on puisse utiliser un langage qui tienne compte de ces interlocuteurs. Cet article présente la lecture de trois livres de Georgina Martins: *O menino que não se chamava João e a menina que não se chamava Maria* (1999) – Le garçon qui ne s'appelait pas Jean et la fille qui ne s'appelait pas Marie, *No olho da rua: historinhas quase tristes* (2004) – Dans la rue: des petites histoires presque tristes, et *Uma maré de desejos* (2005) – Une marée de désirs, mettant en évidence des réflexions sur un savoir faire littéraire qui présente, de façon sensible au lecteur, les "voix des marges" (HALL, 2003), sans maquiller les difficultés et les maux des inégalités sociales dans lesquelles vivent les personnages enfants de ces récits. Le rapprochement à des récits qui se différencient du répertoire cristallisé au jeune public contribue à la formation de lecteurs plus engagés et sensibles à l'Autre.

Mots-clés: Littérature d'enfance et de jeunesse. Inégalités sociales. Lecteur.

Eliane Debus

Email: elianedebus@hotmail.com

Recebido em: 3/12/2012

Versão final recebida em: 13/12/2012

Aprovado em: 20/12/2012